

Música em Rede: Projeto Barulhar na escuta da escola pública

Dulcimarta Lemos Lino

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<http://orcid.org/0000-0002-1195-1683>
dulcimartalino@gmail.com

Sandra Regina Simones Richter

Universidade de Santa Cruz do Sul
<http://orcid.org/0000-0002-7902-5918>
S12richter@gmail.com

Paula Cristiana Emcke

Universidade Feevale
<http://orcid.org/0009-0001-3156-8737>
paulaemcke@yahoo.com.br

LINO, Dulcimarta Lemos; RICHTER, Sandra Regina Simones; EMCKE, Paula Cristiana. Música em rede: *Projeto Barulhar* na escuta da escola pública. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 1, e32105, 2024.





Música em rede: Projeto Barulhar na escuta da escola pública

Resumo: O ensaio reúne narrativas constituídas em rede à formação continuada de professores em educação musical na escola pública da infância. Desencadeado no percurso de estudos da pesquisa “Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação”, o Projeto Barulhar interpela dimensões políticas, epistemológicas e éticas complexas e plurais em torno da relação entre música e criação, desde a pedagogia. Nossa metodologia investigativa são as conversas, encontros que colocam pedagogos, acadêmicos e crianças de diferentes níveis de escolaridade em roda para estar juntos e produzir sentidos. O Projeto Barulhar tem como objetivo fortalecer a formação continuada de pedagogos da escola pública em educação musical, interpelando feitorias corporais decoloniais, gesto político, que além de expor a fragilidade de nossas democracias e de seus (im)previsíveis direitos prometidos, sustenta a autonomia e o protagonismo de coletivos, destacando a potência transformadora da escola pública na firmeza da resistência e na coragem da criação. Em rede escutamos, (re)aprendendo a pensar a concepção formativa da educação musical na pedagogia como partilha de vozes, gestos, silêncios, escutas que nos situam *sendo-uns-com-os-outros*, em contraponto à continuidade da função civilizatória alicerçada nas matrizes de formação colonial estabelecidas. Trata-se de experiência pedagógica de produção material e simbólica de outros modos de *com-viver*, expondo laços que se arriscam a decolonizar os saberes e tocar o espetáculo corporal que inventa música em comunidade.

Palavras-chave: música na escola pública; educação musical e educação infantil; pedagogia e música.

Network music: Project Barulhar listening to public schools!

Abstract: The essay brings together narratives constituted in a network of the continued training of teachers in music education in public childhood schools. Triggered in the study path of the research Music(s) in School(s): conversations in creation, the Barulhar Project questions complex and plural political, epistemological and ethical dimensions around the relationship between music and creation, from pedagogy. Our investigative methodology is conversations, meetings that bring pedagogues, academics and children from different levels of education into a circle to be together and produce meaning. The Barulhar Project aims to strengthen the continued training of public school pedagogues in music education, challenging decolonial bodily forms. A political gesture, which in addition to exposing the fragility of our democracies and their (im)predictable promised rights, supports the autonomy and protagonism of collectives, highlighting the transformative power of public schools in the firmness of resistance and the courage of creation. In a network we listen, (re)learn to think about the formative conception of musical education in pedagogy which, in contrast to the continuity of the civilizing function based on established capitalist production relations, is the sharing of voices, gestures, silences, listening that situate us as being- one-with-another in worldly coexistence. Pedagogical experience of material and symbolic production of other ways of living, exposing ties that risk decolonizing knowledge and playing the bodily spectacle that invents music in the community.

Keywords: music in public, musical education and early childhood education, pedagogy and music.

Musica en Red: Proyecto Barulhar escuchando a las escuelas públicas

Resumen: El ensayo reúne narrativas constituidas en una red de formación continua de profesores de educación musical en escuelas públicas infantiles. Iniciado en el camino de estudio de la investigación Música(s) en Escuela(s): conversaciones en la creación, el Proyecto Barulhar cuestiona dimensiones políticas, epistemológicas y éticas complejas y plurales en torno a la relación entre música y creación, desde la pedagogía. Nuestra metodología de investigación son conversaciones, encuentros que reúnen a pedagogos, académicos y niños de diferentes niveles educativos en un círculo para estar juntos y producir significado. El Proyecto Barulhar tiene como objetivo fortalecer la formación continua de pedagogos de escuelas públicas en educación musical, desafiando las formas corporales descoloniales. Un gesto político, que además de exponer la fragilidad de nuestras democracias y sus (im)predecibles derechos prometidos, apoya la autonomía y el protagonismo de los colectivos, destacando el poder transformador de las escuelas públicas en la firmeza de la resistencia y la valentía de la creación. En red escuchamos, (re)aprendemos a pensar la concepción formativa de la educación musical en la pedagogía que, en contraste con la continuidad de la función civilizadora basada en las relaciones de producción colonial establecidas, es compartir voces, gestos, silencios, escuchas. que nos sitúan como uno con el otro en la convivencia mundana. Experiencia pedagógica de producción material y simbólica de otras formas de vivir, exponiendo vínculos que corren el riesgo de decolonizar el conocimiento y representar el espectáculo corporal que inventa la música en la comunidad.





Palabras clave: música en las escuelas públicas, educación musical y educación infantil, pedagogía y música.

Música em Rede: Projeto Barulhar na escuta da escola pública

Uma onda diz vai, vai
outra onde diz vem, vem
de mãos dadas vão e voltam
Ninguém solta a mão, ninguém
Uma onda diz vai, vai
outra onde diz vem, vem
de mãos dadas vão e voltam
Ninguém solta a mão, ninguém
Nossa ciranda, da maré é um movimento
Em tempos de isolamento a ciranda vai rodar
E vai fazer entre nós mais uma ponte
Alargando o horizonte, dos sertões até o mar
Demos as mãos, nesta roda virtual
A ciranda contra o mal, ela não pode parar
Pois de mãos dadas a corrente não se parte
Contra o ódio, viva a arte, **noossa voz não vão calar**¹

Embalado no vaivém da ciranda brasileira, o ensaio emerge da interlocução inaugurada entre pedagogos, acadêmicos e crianças no percurso de estudos realizados no espaço de formação continuada em educação musical de docentes da rede pública municipal de educação infantil. Nomeado Projeto Barulhar, pelo coletivo docente investigado, o projeto coloca a “música em estado de encontro” para movimentar a exposição e compartilhamento de narrativas musicais tecidas em rede à escola pública da infância. Implica tocar corpos no som em comunidade, desde a experiência de pensamento que interpela a formação continuada em educação musical de pedagogos em parceria com a universidade pública, a secretaria municipal de educação, o grupo de pesquisa Escuta Poética e seus interlocutores.

O presente ensaio refere-se ao período de 2021-2023 do Projeto Barulhar, implicado em uma das unidades de campo da pesquisa “Música(s) na(s) Escola(s):

¹ “Ninguém solta a mão, ninguém”: música de Antônio Nóbrega e Wilson Freire, lançada em julho de 2020 como manifesto musical a favor da democracia, pela cultura e contra o fascismo emergente em nosso país. A frase já havia sido utilizada como grito de pavor nos barracos improvisados da universidade durante a ditadura militar brasileira.



conversações em criação” (Lino, 2021)², nomeado Campo de Pesquisa I (CPI). Chegamos ao campo ainda em 2020 com o projeto piloto: “Música em Rede”, para “pensar como escuta” (Skliar, 2022, p. 135) a “pedagogia como gesto poético de linguagem” (Lino, 2020a). Naquele momento, nosso gesto político consistia em afirmar que pedagogos são importantes para a educação musical e que sua formação inicial e continuada articula saberes na escola (Lino, 2020a, p. 134) com e para crianças. Nos encontros virtuais, em plena pandemia, nos arriscamos a *ensaiar* a presente investigação tramada nos vínculos de convivência à formação e à autoformação experimentada com música em rede.

Para tecer o direito à música na escola pública (Brasil, 2008) desde o Sul, optamos na pesquisa pelo exercício do ensaio na intenção de, com Skliar (2022, p. 312), afirmar o pensamento e negar “a ideia convencional de verdade; [pois] não há verdade no ensaio, mas veracidade”. Por isso, para o pesquisador, “o ensaio não utiliza a linguagem como meio, mas *é linguagem* ou, mais firmemente ainda, *é essencialmente linguagem*” (Skliar, 2022, p. 313)³. É linguagem articulada nas práticas sociais em defesa da educação pública, gratuita e democrática; uma articulação que implica considerar as tensões, pois não é coerente, coesa, homogênea e ausente de conflitos e interesses. Em tom de urgência, Chauí (2018, p. 13) defende a escola pública, gratuita e democrática, afirmando que esta, por ser “pública: não [está] submetida a imperativos empresariais”; sendo “gratuita: não [está] submetida a discriminação econômica”; e, por ser “democrática, garante não só o direito de acesso à educação, mas também de criação científico-cultural”. Assim, também em educação musical, o combate político que recusa as formas existentes de poder (Chauí, 2018, p. 45) só pode acontecer na “firmeza da resistência e na coragem da criação” (Chauí, 2018, p. 12).

Como a rede de dormir tecida pelos povos originários, objeto ancestral e artefato cultural da identidade brasileira, a rede pública municipal investigada movimentava uma trajetória que se balança entre as histórias do país e a relação

² Parceria da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) e Secretarias Municipais de Educação de São Leopoldo e Porto Alegre. Coordenação: Dulcimarta Lemos Lino (UFRGS), Bianca Oliveira Cardoso (SMED São Leopoldo), Milene dos Santos Compagnon (SMED Porto Alegre), 2021. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, CEP/Conep. Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, CAAE: 52921921.2.0000.5347.

³ Grifos das autoras.

afetiva de cada uma de nós. Se a rede indígena acolhe o corpo que nela se instala, embalando-o com o movimento de seu vaivém, também enreda adultos e crianças no vínculo brincante da música como invenção de mundos. Estar junto com pedagogos, acadêmicos e crianças na pesquisa nos aproximou tanto das fragilidades da educação musical na rede e de sua formação continuada desde a pedagogia, como das provocações que, cirandando, ensinam o corpo a perseguir a insistência da materialidade sonora no *tempo* e *espaço* cotidiano de convivência presencial e virtual, disponibilizado, construído e sustentado artesanalmente pelo Projeto Barulhar.

O encontro entre música e criação, desde a pedagogia, interpela dimensões políticas, epistemológicas e éticas complexas e plurais ao reunir narrativas constituídas por este pequeno grupo que ensaia *conversações em criação* para “dar forma e visibilidade à possibilidade do viver junto” (Nancy, 2015, p. 173). Ação de resistência poética que pode nos situar “sendo-uns-com-os-outros” (Nancy, 2015, p. 174) em coexistência mundana; potência da música em rede que busca interligar pedagogos e crianças da escola pública de educação infantil com acadêmicos no percurso de estudos criado na formação continuada em educação musical do Projeto Barulhar; aproximação de pensamento e de linguagem ao fazer-se ciranda e ponte a inventariar modos de rodar cantando: “Ninguém solta a mão, Ninguém” (Nóbrega; Freire, 2020).

Música em Rede

Os projetos em educação musical promovidos nas redes públicas municipais gaúchas têm funcionado, em sua maioria, como “Pílulas Sonoras” (Lino, 2020b), em pequenas drágeas, com baixo ou raro financiamento e sem continuidade. Na unidade municipal investigada, a elaboração desta proposição não é diferente. Imbuídos no manifesto de resistência pela educação musical na escola, (re)vivido nacionalmente com a homologação da lei 11.769 (Brasil, 2008), que tornara obrigatório o conteúdo de música na educação básica, acompanhamos o ressoar desse movimento também na rede municipal investigada.

No documento curricular da rede pública municipal de São Leopoldo-RS, campo de nossa pesquisa, a Educação Musical é tema transversal que não pertence a um componente curricular específico, mas serve como elo de

comunicação entre os saberes. Sendo conteúdo obrigatório à educação básica municipal desde 2012, o ensino de música na rede municipal se articula às demais dimensões artísticas oferecidas, como o teatro, a dança e as artes plásticas (São Leopoldo, 2012). É importante destacar que nessa rede municipal, a formação continuada em educação musical de pedagogos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental é obrigatória. Além disso, a música deve ser incluída em todos os Projetos Político-Pedagógicos escolares (PPP's) e pode acontecer na Sala Múltipla, espaço curricular sob coordenação de um pedagogo a quem cabe dispor semanalmente de experiências musicais para toda a clientela escolar. Para articular a música em rede na escola pública, a secretaria municipal de educação de São Leopoldo conta com um assessor em Educação Musical, professor licenciado na área, responsável pela integração da música no cotidiano escolar; pela coordenação e regência das bandas escolares vigentes; pelo acompanhamento de projetos sociais em educação musical em desenvolvimento; e, pela formação continuada dos 0,36% professores licenciados em Música da secretaria.

Mesmo diante do quadro acima, com 12% dos pedagogos referência cedidos para propor e/ou acompanhar o desenvolvimento de atividades musicais dentro das escolas municipais, verificamos que a disposição de leis e documentos orientadores não parecem ser suficientes quantitativa e qualitativamente para alcançar a rede, tampouco configuram enfrentamento pedagógico à continuidade da função civilizatória, ainda bastante alicerçada nas relações de produção musical capitalista evidenciadas nas práticas em educação musical propostas. Constatamos traços de colonialidade hegemônicos e excludentes que marcam simbolicamente a postura pedagógica em educação musical da rede, com repertórios coloniais e modos de intervenção teórico-metodológica aprioristas e empiristas, baseados na fixação musical das relações de poder instituídas à música desde o império (Lino, 2020a).

Neste contexto, a convite da assessoria municipal em educação musical da secretaria de educação de São Leopoldo (RS), inauguramos o Projeto Barulhar: formação continuada em educação musical para pedagogos e crianças da rede pública municipal. Iniciamos por estabelecer distintos espaços e tempos de conversação em criação direcionada à formação continuada desses professores para conhecer o campo, definir conceitos e refletir sobre o que nos unia: a música





como substantivo plural e o “barulhar” (Lino, 2008) como a música das culturas infantis, gesto político e pedagógico que dá ritmo ao espetáculo corporal da existência, que habita coletiva e afetivamente a experiência de uma descontinuidade cotidiana que se envolve e se faz presença em convivências colaborativas.

O termo “colaborativo” é sustentado na voz investigativa de Santos (2021). A educadora trata os processos colaborativos em educação musical, a partir do *logos* pedagógico caracterizado pela experiência social de problematização otimizada nos gestos heterogêneos e na perspectiva da aprendizagem inventiva (Santos, 2019). Como Deleuze (1987, p. 22) afirma, “nunca se aprende fazendo *como* alguém, mas fazendo *com* alguém”⁴. Nesse sentido, Santos (2005) propõe um currículo concebido como a arte da composição e do encontro-acontecimento com a experiência de invenção e problematização, a partir de composições institucionalizadas que desloquem as fronteiras entre o acadêmico e outras instâncias e círculos de sociabilidade em formação permanente (Santos, 2005, p. 55).

Ao propor a possibilidade de aprendizagem na perspectiva do acontecimento, Santos (2021) busca ultrapassar a tendência recognitiva e determinista em educação musical, isto é, a transmissão de informações, conteúdos e disciplinas como retorno ao mesmo para todos. Para tanto, indica que o trabalho colaborativo em educação musical exige “errância e assiduidade” (Santos, 2019, p. 3), “onde a relação com o outro mobiliza um aprendizado e implica heterogeneidade, pedindo uma resposta singular” (Santos; Aristides, 2019, p. 148) emergente no coletivo; uma aprendizagem inventiva que exige fazer com outros como condição de produção de singularidades.

Nesta perspectiva, ao tecer encontros com música na rede investigada, buscamos transfigurar modos de saber e conhecer sentidos com outros no mundo. Tal experiência não se relaciona apenas à apropriação interpretativa de uma musicologia “colonizada” que tem definido o patrimônio histórico e culturalmente reconhecido na disciplina de música (Queiroz, 2021), mas toca “a dimensão da liberdade e da experimentação, da originalidade e da criação” (Santos;

⁴ Grifos das autoras.





Kater, 2017, p. 155). Essa experiência não quer ser composição (no sentido estético do termo) ou produção artística, antes é experiência de si, por ser inseparável de uma história corporal, do modo como o corpo aprende a estabelecer relações com outros corpos a partir dos ritmos singulares de cada gesto no mundo com os outros.

No convite à ciranda, que abre este ensaio, a voz de Antônio Nóbrega chama nosso corpo para viver uma celebração que conjugou como música a confraternização de duas ordens culturais distintas. Por um lado, as músicas da classe dominante europeia (que ainda dominam o cardápio sonoro escolar e universitário), presente na igreja e na aristocracia. De outro lado, a música das fusões e sincretismos dos estoques culturais de grupos domesticados (indígenas), de grupos escravizados (africanos) e de grupos das classes subalternas portuguesas. Ao entender que a música não é neutra, o Projeto Barulhar se compromete com a potência de escuta e criação experimentadas no processo organizativo da coletividade, o que pode fortalecer e ampliar modos e significações musicais plurais (Nóbrega, 2020).

Compreender que a resistência ao colonizador se fez com música é tarefa urgente e necessária da Música em Rede proposta na presente investigação, porque entendemos com Nóbrega (2020) que a música intitulada brasileira é “memória viva do imaginário índio-luso-africano que se funde e se acasala a céu aberto”. É um encontro que tem sofrido constantes opressões e epistemicídios, percebidos na vida cotidiana escolar, em sua organização social, bem como nas práticas formativas e mesmo nas formas de produção do conhecimento musical (Queiroz, 2021; 2020), as quais podem, no entanto, se atualizar na potência criadora incansável de se deixar envolver na dimensão operativa da linguagem para afirmar lutas emancipatórias.

Logo, a Música em Rede do Projeto Barulhar é concebida “na lógica da coletividade” (Bueno, 2022, p. 166), como estratégia emancipatória que percebe a força da potência feminina das pedagogas-pesquisadoras do projeto e que nos conecta enquanto seres coletivos. Vincula-se a uma concepção de coletividade afro-gaúcha escutada na voz de Iyalorixá Sandra, que, ao lutar pelo direito de ser quem é – um ser coletivo –, se contrapõe à continuidade da função colonial e





civilizatória musical, alicerçada nas matrizes de formação colonial instituídas nas relações de produção capitalista patriarcal monoteístas (Abreu, 2023), ainda vigentes no ensino de música da rede investigada.

O Manifesto Pindorama escrito e disponibilizado nas redes sociais pela acadêmica Dessa Ferreira⁵ ressoa as interrogações movimentadas no Projeto Barulhar dentro da rede municipal. Compreendemos com a percussionista que

música é vibração física sonora. É uma combinação complexa de estímulos que em consonância e dissonância geram sensações, cores, aromas, imagens, poesia. A música comunica, revela, agrada, incomoda, nutre, dá fome, preenche, descarrega. Música é arte, cultura, espiritualidade, ciência, política, culinária, afeto, cor, palavra, silêncio. E música brasileira? Será que brasileiro, brasileira, brasileira, é algo que talvez nem exista? Porque se for parar pra pensar, o que chamamos de Brasil foi algo imposto em cima de outro nome, conhecido como Pindorama, terra das palmeiras. Daí se queremos falar das raízes musicais brasileiras, não seria mais certo dizer raízes musicais pindorâmicas? (Ferreira, 2023).

No gesto político da artista, pulsa a tonalidade do fazer musical pretendido por este pequeno grupo de educadores que escolheram fazer a formação continuada em educação musical disponibilizada pelo Projeto Barulhar. Pretendemos movimentar saberes e conhecimentos musicais subordinados, que só podem se fazer outros nas miniaturas que o gesto pedagógico encarne poeticamente, em nossa voz: experiência pedagógica de produção material e simbólica de outros modos de *com-viver*, expondo laços que se arriscam a decolinizar os saberes e a tocar o espetáculo corporal que inventa música em comunidade.

Nesta trajetória, nos aproximamos das experiências musicais promovidas por Kater (2012) no projeto A Música da Gente. Para construir a sua rede, o compositor prepara de forma individual e coletiva os educadores para que possam se sentir capazes de “substituir o ‘ensinar’ pelo ‘aprender’, música e o que mais for possível” (Santos; Kater, 2017, p. 156). Kater entende que a característica principal de um

⁵ Dessa Ferreira é produtora musical, compositora, cantora, multi-instrumentista, arte educadora dedicada à linguagem dos tambores e à produção musical de pessoas negras, indígenas e LGBTQIAP+. Participa do grupo Três Marias com as musicistas gaúchas Pamela Amaro, Gutcha Ramil, Tamires Duarte e Thayan Martins. Dessa Ferreira é cria da periferia do Distrito Federal e bacharel em Música Popular pela UFRGS (RS). É também idealizadora do projeto Música Afro-Indígena-Contemporânea; do Ngoma e Pretambor (projetos de arte educação) Album Pulso (2020). @dessaferreiraoficial.



projeto social em educação musical é o alargamento e aprofundamento do processo formador. Dessa forma, além do fazer musical, seus educadores estão preocupados em cultivar o *ser*, visando integrar competências musicais e sociais às competências pessoais e humanas (Kater, 2021).

Inspirados no projeto A Música da Gente de Kater buscamos incluir, no Projeto Barulhar, todos os envolvidos para alcançar uma formação humana que considere a relevância da participação de cada um no processo de sua própria musicalidade e que “propicie que o sentido contemporâneo do ato educativo, pela música, seja criativo e instigante o suficiente para despertar problemáticas ligadas ao desenvolvimento da pessoa humana” (Santos; Kater, 2017, p. 152).

Para tanto, as ações do projeto Música da Gente se configuram como bases referenciais do Projeto Barulhar, porque fazem convergir experiências de: criação musical coletiva embasada em relações colaborativas; interpretação de músicas compostas pelos próprios participantes (alunos ou educadores); construção de instrumentos musicais ou objetos sonoros e sua utilização nas composições. Essas ações interligadas têm ampliado o protagonismo e a autonomia do coletivo face aos processos criativos, expressivos, interpretativos e a sua relação sem fronteiras com quatro eixos interdependentes do fazer musical, definidos por Santos e Kater (2017) como: a dimensão criativa, a dimensão cultural, a dimensão ecológica e a dimensão humanista. São dimensões integradas no processo de educação ou na formação musical que se estendem e se complementam simultaneamente através do Prazer, da Presença, da Participação, da Produção e da Postura que podem favorecer a apreensão da identidade, alteridade e comprometimento com relações educativas musicais colaborativas (Kater, 2012; 2021).

Ao compreender os diferentes percursos empreendidos no projeto A Música da Gente, a equipe do Projeto Barulhar também entende que não é possível prever antecipadamente os distintos e plurais modos de aprender e ensinar música que podem se amplificar em diferentes contextos. Por essa razão, propomos, como Kater, um “Mapa de Percurso”, em que “a composição de músicas inéditas, torna possível o ato de conceber e dar vida àquilo que ainda não existe” (Santos; Kater, 2017, p. 156), engajando todos os participantes na dinâmica educativa de brincar como gesto poético produtor de sentidos.





Assim, no brincar, a Música em Rede do Projeto Barulhar encontra o sentido de formação e criação pretendido entre e com pedagogas-pesquisadoras, crianças e acadêmicos. Assim, o tempo e o espaço coletivo que dedicamos para refletir sobre os propósitos da Música em Rede do projeto definem o brincar como ação lúdica cotidiana emergente no processo educativo que não separa teoria e prática, sonoro e musical, tradição e inovação, criação e interpretação. Partimos de experiências colaborativas com música brasileira e nos entregamos à travessia de escuta e criação. Nela o brincar é “tocar” e ser tocado pelo mundo. Ou melhor, o brincar é “barulhar” (Lino, 2008). É esse

atrato do corpo com o real que brota da criança que experimenta o mundo; não como música, som, ruído ou silêncio, mas como ludicidade, alegria e diversão espaço do espírito ou do pensamento tornado ação na pluralidade das discursividades que a criança decide manipular, e/ou das singularidades que lúdica e poeticamente expressa em performance (Lino, 2010, p. 85).

Nesta ação, o corpo em movimento no mundo tem nos ensinado que real e ficcional não são antagônicos. Pelo contrário, são complementares bem feitos em seu poder de afetar o corpo sensível com a mesma intensidade e permitir a ele aprender a ser afetado de muitos modos. É um percurso imprevisível, onde o corpo aprende a produzir diferenças “no limite do *risco físico*; no limite do *risco da pregnancy*; e no limite do *risco da criação*, quando, intencionalmente, podemos habitar os espaços de compor-improvisar” (Lino, 2008, p. 315).

Portanto, a Música em Rede do Projeto Barulhar convoca o gesto político intencional de formação continuada e criação musical, o que exige a percepção de que somos música em estado de encontro. A escolha do palíndromo “somos” pretende sublinhar a determinação fundamental do ser no qual a existência é essencialmente co-existência; não apenas co-existência de um nós (humanos), porém de todos os entes do mundo, que, instalados na prática social, organizam e estabelecem relações que permitem uma extensão de sentidos.

Música em Rede na escuta da escola pública: vínculo brincante e potência de criação; convivência colaborativa que envolve uma pluridimensionalidade de combinações sonoras empreendidas sensivelmente na ação lúdica da formação continuada que, ao “barulhar” (Lino, 2008), se deixa tocar na improdutividade, na não literalidade, na imprevisibilidade, na liberdade de um tempo e de um espaço





produtor de sentidos; mapas de percurso da Música em Rede do Projeto Barulhar que perseguem modos de fluir e conversar decoloniais na intensidade da duração experimentada, (re)aprendendo a pensar a concepção formativa da educação musical em pedagogia. É um contraponto à herança escravagista determinada nas matrizes de formação continuada em educação musical coloniais da rede, em que a função pedagógica civilizatória se estrutura e organiza práticas e repertórios alicerçados nas relações de produção capitalista instituídas, as quais (re)configuram formas de exclusão imaginárias. A música em rede do Projeto Barulhar é processo de resistência poética, permissão e pregnância de experiências sensíveis do corpo em movimento que nos situam em coletivo, protagonistas de nosso saber.

Projeto Barulhar na escola pública

O Projeto Barulhar é unidade de campo da pesquisa Música(s) na(s) escola(s): conversações em criação (Lino, 2021) que acontece dentro da escola pública de educação infantil, lotado na secretaria municipal de educação de São Leopoldo. A cidade se localiza na região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, tendo sido a primeira região fundada por imigrantes alemães, com uma população variável de 210.000 habitantes. No documento curricular do território de São Leopoldo a educação musical é linguagem obrigatória à formação continuada de professores e alunos da educação básica, pertencendo ao currículo obrigatório dos Projetos Políticos Pedagógicos escolares.

Como objetivo de potencializar o protagonismo de pedagogos e acadêmicos em relação à composição e interpelação de percursos narrativos com música(s) na(s) escola(s) pública da infância, o Projeto Barulhar realiza formação continuada em educação musical com pedagogas e crianças dentro da carga horária curricular escolar. As pedagogas que optaram por participar da investigação atuam na educação infantil e recebem formação coletiva semanal (3 horas) e individual (1 hora) em educação musical dentro da escola com a coordenadora do projeto. Nomeadas pedagogas-pesquisadoras do Projeto Barulhar, cedidas pela secretaria de educação à investigação em tempo integral semanal (30 horas), têm na formação coletiva a experimentação de tempos e espaços de convivências criativas com materialidades sonoras para se exercitar nos processos de escuta e criação; se apropriar da dimensão epistemológica, política e ética da música nas culturas



infantis; se arriscar a planejar e a avaliar percursos narrativos com música às crianças da educação infantil; e reunir e/ou produzir subsídios teórico-metodológicos pertinentes ao desenvolvimento de projetos com música(s) na(s) escola(s) pública. Além disso, essas pedagogas-pesquisadoras dispõem de um espaço de formação individual semanal (1 hora) em educação musical quando expõem e avaliam percursos do planejamento proposto às aulas de música que ministram para crianças, semanalmente. As crianças do Projeto Barulhar pertencem às turmas de educação infantil, previamente selecionadas pela secretaria de educação a partir do critério de vulnerabilidade social. Elas são atendidas, de forma coletiva, em aulas de música ministradas pelas pedagogas-pesquisadoras em suas turmas de origem, com carga horária semanal de 3 horas, sob acompanhamento da coordenadora do projeto.

O Projeto Barulhar interpela dimensões políticas, epistemológicas e éticas complexas e plurais em torno da relação entre música e criação, tomando a conversa como metodologia investigativa, porque compreende que somente é possível aprender por meio da conversação, a conversa entendida como “um modo legítimo de investigação, de relação, porque implica uma forma especial de prestar atenção, de inquietar-se e indagar-se a partir da experiência, da vivência das falas do outro” (Ribeiro; Skliar, 2020, p. 18). É conversar para *com viver*, essa “palavra-corpo que se desloca entre a incomodidade e a distensão, entre a procura e a desatenção, entre a respiração e a asfixia” (Skliar, 2011, p. 30). Na voz do compositor Paulo Costa Lima (2022), é a conversa como “um valor de organicidade, um formato de interrogação. Conversar para *formar um circuito de atenção* aos processos, aos gestos, aos silêncios, as rupturas, as provocações, ao estudo, à escuta (...)”.

Com duração prevista de quatro anos letivos consecutivos, o Projeto Barulhar (2021-2025) tem o compromisso de envolver e aproximar: a universidade pública gaúcha da escola pública; a secretaria municipal de educação de São Leopoldo da formação continuada de pedagogos em educação musical; e a educação infantil da educação musical na luta pela garantia do direito e acesso à formação continuada em música de pedagogos e crianças na escola.





A Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é responsável pela coordenação, acompanhamento e avaliação da formação continuada em educação musical das pedagogas-pesquisadoras. Ela ainda enlaça redes de fortalecimento do exercício de pensamento entre acadêmicos do Grupo de Pesquisa Escuta Poética⁶, do Programa de Extensão PIÁ⁷ e de gestores (assessores, coordenadores de projetos e docentes) da secretaria municipal de educação de São Leopoldo. Isso porque a formação coletiva das pedagogas-pesquisadoras ocorre com a presença de pesquisadores das culturas musicais infantis do Escuta Poética, com a presença de músicos do PIÁ e com a participação de alguns dos gestores da secretaria municipal de educação, envolvidos diretamente no Projeto Barulhar.

A formação continuada em educação musical experimentada no Projeto Barulhar intencionalmente mistura pedagogas-pesquisadoras, acadêmicos, músicos, pesquisadores, crianças e gestores municipais no exercício cotidiano de estudo e ação lúdica com música na escola pública, porque empreende esforços para sublinhar a potência de coletivos colaborativos em educação, destituídos de lugares de poder impostos nas hierarquias político-pedagógicas, instituídas em educação. Nesse contexto, considera que o congraçamento e a parceria intra e interinstitucional são marca imprescindível à consolidação de ações continuadas com música(s) na(s) escola pública de educação infantil.

⁶ O Grupo de Pesquisa Escuta Poética investiga a dimensão musical do fazer pedagógico na escola, criando proximidade entre formação e profissão, entre instituições de ensino superior e escolas e entre acadêmicos, professores universitários, professores de terreno e músicos, para afirmar que somos música em estado de encontro. O grupo busca interlocução intra e interinstitucional entre adultos e crianças para enredar colaborativamente educação musical na formação inicial e continuada de pedagogos(as) e potencializar a imaginação criadora. Ao investir na promoção de posturas solidárias e colaborativas, cria, sustenta e acompanha processos de escuta e criação musical desencadeados pela ação lúdica de “barulhar” (Lino, 2010) no “ateliê poético”, inaugurando interlocução entre docentes de diferentes instituições públicas de educação infantil.

⁷ O PIÁ é o Programa de Extensão da Faculdade de Educação da UFRGS que habita territórios educativos para, com música, inventar mundos em comunidade. Ele une acadêmicos brincantes da Pedagogia, da Música, do Teatro, da Biologia, das Artes Plásticas e da Engenharia com o objetivo de realizar concertos e oficinas musicais com adultos e crianças para tocar nossa “terra brasilis”. É um exercício continuado de disponibilidade à escuta do outro no gesto poético de improvisar, interpretar, compor e investigar, que afirma o acesso democrático à música brasileira em educação, fortalecendo o cumprimento das políticas públicas vigentes à formação técnica e cidadã de acadêmicos, professores e comunidades. Ele tem como metodologia práticas musicais embasadas nas conversações em criação, experimentação coletiva, potencializando o saber do corpo e o encontro com a memória viva do imaginário índio-luso-africano; e compõe e investiga intensamente o cancionário brasileiro para tocar repertórios que apresentem culturas musicais decoloniais, assumindo e compartilhando o potencial de transformação social da música na escola pública.



A equipe do Projeto Barulhar envolve participantes da secretaria municipal de educação de São Leopoldo e da Faculdade de Educação da UFRGS que se encontram na formação continuada em educação musical.

Dentro da rede municipal de educação de São Leopoldo, o Projeto Barulhar dispõe de:

a) duas pedagogas-pesquisadoras responsáveis pela formação continuada em educação musical das crianças atendidas pelo projeto: elas participam também da formação continuada em educação musical apropriando-se dos conceitos envolvidos na música das culturas infantis e se expondo a compor narrativas com música para as crianças da educação infantil;

b) um coordenador de projetos da SMED: ele é responsável pela articulação do Projeto Barulhar com as demais iniciativas educativas empreendidas pela secretaria de educação; disponibiliza e financia locomoção das crianças até a escola sede do Projeto; assume a contratação anual de um oficinairo da cultura afro-gaúcha e a aquisição de um tambor afro-gaúcho para o patrimônio escolar, e garante a cedência anual das pedagogas-pesquisadoras no projeto;

c) uma assessora do Projeto Barulhar na SMED (10 horas): pedagoga que representa o projeto dentro da secretaria de educação, junto da escola de educação infantil investigada e diante da comunidade escolar. Gestora das atividades de estudo, aquisição de materialidades musicais, aquisição de livros, organização de oficinas, concertos, saídas e participação em jornadas, rodas de conversa e seminários da equipe. Responsável pela distribuição das turmas, das crianças, das pedagogas e das escolas atendidas pelo projeto;

d) um assessor de educação musical da SMED (4 horas): acompanha o desenvolvimento do projeto de formação continuada em educação musical, inaugurado na escola pública para apreender pedagogias brasileiras em educação musical. Amplia o conceito de música(s) como substantivo plural na secretaria de educação. Participa do grupo de estudos e auxilia a urgente e necessária compreensão da educação musical na formação continuada de pedagogos;

e) uma assessora pedagógica escolar do Projeto Barulhar (2 horas): intermedia as demandas da escola e do projeto, articulando parcerias, eventos, oficinas e rodas de estudo dentro da instituição;



f) um professor de música (20 horas): é responsável por ministrar aulas de música em parceria com as pedagogas-pesquisadoras para se apropriar da música das culturas infantis.

Na universidade temos:

a) uma coordenadora geral do Projeto Barulhar (20 horas): é pesquisadora da investigação “Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação” (Lino, 2021) e responsável pela organização do grupo de estudos, dos encontros de formação continuada em educação musical e da proposição de experiências musicais com os participantes. Articula e relaciona demandas musicais e pedagógicas necessárias ao aperfeiçoamento e à sustentação do projeto. Representa o projeto diante de núcleos investigativos e articula demandas emergentes do grupo com os representantes da secretaria municipal. Dirige musicalmente os espetáculos de pedagogas-pesquisadoras e das crianças do Projeto Barulhar e orienta os registros pedagógicos e percursos narrativos constituídos na investigação;

b) quatro pesquisadores do Grupo Escuta Poética: compartilham a experiência investigativa com infância, docência e educação musical;

c) seis acadêmicos do PIÁ: realizam concertos e oficinas musicais na escola pública, nutrindo o cardápio sonoro escolar; gravam, editam, arranjam e compõem com a equipe. Tocam com o grupo e para o grupo de pedagogas-pesquisadoras.

O Projeto Barulhar também subsidia projetos pedagógicos propostos pela equipe com a intenção de negar o modelo dominante de escolarização pragmática e homogeneizadora. Nas conversações em criação, a continuidade dos estudos e a produção sistemática de argumentos, permite assumir no coletivo a palavra desde o sul. Tal opção exige coragem e liberdade para recuperar sentidos educacionais que contemplem a sensualidade e musicalidade do corpo linguageiro, o imprevisto, a memória ancestral, o tempo livre, enfim, a potência de cada um vencer o medo de sermos nós mesmos.

Nesta direção, o Projeto Barulhar tem na(s) músicas(s) criada(s) pelos participantes da equipe, experiência fundante de ação: tocar para saber! Uma experiência de corporeidade que,

[...] não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa



maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Larrosa, 2002, p. 25).

Portanto, as conversações em criação experimentadas no Projeto Barulhar expõem e compartilham a(s) música(s) na(s) escola(s) como potência de composição da docência (Lino, 2020a), criação que acontece ao produzirmos sentido em coletivos colaborativos. Sem estar preocupados em traçar receitas, defender metodologias “mais adaptadas” à educação musical em cada fase do desenvolvimento cronológico, cognitivo ou musical, nem estabelecer sequências didáticas, as conversações em criação expõem e compartilham pontos de escuta para comentar, interpelar e interrogar o mundo. Então, quem puxa as conversações em criação são as pedagogas-pesquisadoras e as narrativas infantis emergentes no contexto da escola pública ou da universidade que investem nas conversas, tendo como nutrientes a potência de “estar à escuta” (Richter; Lino, 2019) do cotidiano educativo.

Na Tabela 1, apresentamos o cronograma reduzido de organização do Projeto Barulhar, para facilitar a compreensão de seu desenvolvimento.

Cronograma do Projeto Barulhar	Ano I	Ano II	Ano III	Ano IV	Ano V
<u>Conversações em criação I</u> : SOMOS: música em estado de encontro (encontros semanais).					
Formação continuada em com-vivências criativas com materialidades sonoras tendo como objetivo fazer o com-junto da equipe investigativa no gesto poético de linguagem. Participação propositiva da coordenadora do projeto, docentes, acadêmicos, músicos e mestres da cultura popular.	X	X	X	X	X



<p><u>Conversações em criação II</u>: EDUCAÇÃO MUSICAL: dimensão epistemológica (encontros mensais).</p> <p>Estudar os conceitos, princípios e bases fundantes do trabalho de educação musical de Carlos Kater no projeto “A Música da Gente” e Ducimarta Lino no projeto “Barulhar: a música da infância.”</p> <p>Atividades de estudo em grupo para sustentar a educação musical em sua dimensão epistemológica criadora.</p> <p>Instrumentalização de docentes e acadêmicos com repertórios musicais contra hegemônicos. Ampliação da prática musical instrumental com música brasileira.</p>	X				
	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X
<p><u>Conversações em criação III</u>: EDUCAÇÃO MUSICAL: dimensão política e ética (encontros mensais).</p> <p>Estudar os conceitos, princípios e bases fundantes da obra de Kusch, Menezes e Richter, Labrea e Antônio Nóbrega.</p> <p>Atividades de estudo para sustentar a educação musical em sua dimensão política e ética: convivência.</p>					
		X			
		X	X	X	X
<p><u>Conversações em criação IV</u>: POTENCIALIZAR o protagonismo de percursos narrativos com música na escola.</p> <p>Pensar formas de habitar a escola em rede, junto ao pequeno grupo de investigadores.</p>	X	X	X	X	X
<p>Aproximar e acolher na UFRGS as escolas de Educação Básica envolvidas no projeto de pesquisa através de ações de extensão promovidas pelo Programa de Extensão Piá e o Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) em distintos territórios educativos.</p>	X	X	X	X	X
<p>Registrar semestralmente conquistas, metas e desafios enfrentados. Traçar mapas de percursos futuros.</p>	X	X	X	X	X
<p>Elaboração de artigos com os resultados parciais da pesquisa para serem apresentados em eventos científicos.</p>			X	X	X

Tabela 1 – Cronograma de atividades do Projeto Barulhar. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Construído coletivamente, a partir das demandas e necessidades da equipe, o cronograma acima apresenta nossos 4 eixos estruturais de ação: I) Conversações em Criação: momento de formação continuada em educação musical na escola lotada com toda a equipe do Projeto. Encontros semanais coletivos (3 horas) e individuais (1 hora). Exercícios de escuta e criação musical, planejamento e





avaliação das aulas ministradas. II) Mediação: coordenadora do Projeto Barulhar: tempo de exercício da educação musical em sua dimensão epistemológica. Encontros mensais de estudo e reflexão sobre os conceitos e bases fundantes do trabalho de educação musical de Carlos Kater no projeto “Música da Gente” e de Dulcimarta Lino na “poética de barulhar”. III) Mediação coordenadora do Projeto Barulhar e convidados: tempo de exercício da educação musical em sua dimensão política e ética. Encontros semestrais. Buscamos nos aproximar dos conceitos da pedagogia como gesto poético de linguagem (Lino, 2020a) e da concepção de “música brasileira” de Nóbrega (2020a). IV) Participação em concertos e oficinas musicais: momento de expor e compartilhar percursos narrativos do semestre para subsidiar e promover interlocução teórico-metodológica de toda a equipe. Dois encontros semestrais por ano quando avaliamos o projeto; organização do registro de temas relevantes nos mapas de percurso compostos em formato digital e planejamento de demandas emergentes.

O Ano I de desenvolvimento do Projeto Barulhar na rede municipal de São Leopoldo encontrou a pandemia. Sendo assim, os encontros da investigação ocorreram exclusivamente na plataforma virtual da universidade ou das escolas com o objetivo de aprofundar os conceitos teóricos fundantes da(s) música(s) na(s) escola(s) pública(s); experimentar convivências criativas; e, propor artesanalmente um percurso narrativo com música na educação infantil. Findada a crise sanitária, as conversações em criação não abandonaram os espaços virtuais de encontro, mas habitaram também os espaços presenciais como a escola pública, a praça da comunidade escolar, os parques e museus de São Leopoldo, a casa de sapê do Ponto de Cultura Biguá, a sala de música do Coletivo do Espaço de Criação Musical, o studio de gravação e o quilombo, entre outros.

Nos anos I (2021) e II (2022), o Projeto Barulhar atendeu em sua formação continuada em educação musical na secretaria municipal de educação duas pedagogas-pesquisadoras e 198 crianças (entre 4 e 7 anos), divididas em dez turmas, e seis acadêmicos. No ano II, o Projeto deu continuidade ao atendimento da mesma clientela, conquistando a cedência de um professor licenciado em Música. Esse professor atuava como auxiliar das pedagogas-pesquisadoras na tarefa de formação continuada semanal em educação musical das crianças.





O encerramento escolar do Ano II (2022) do Projeto Barulhar na secretaria municipal de educação de São Leopoldo foi marcado por trocas político-pedagógicas que envolveram, na equipe investigadora, a saída de uma pedagoga-pesquisadora, a saída do professor de Música e a troca da assessora do Projeto na SMED.

Além disso, devido às demandas de ordem institucional e financeira, a secretaria deslocou o Projeto para outra escola pública, o que provocou descontinuidade no trabalho musical outrora iniciado. No Ano III (2023), o Projeto Barulhar deu prosseguimento à investigação, (re)começando a formação continuada em educação musical com apenas uma das pedagogas-investigadoras, em nova escola definida pela secretaria municipal de educação e com outras crianças, na escola pública. O projeto assimila os novos participantes da equipe e os envolve nos propósitos fundantes de formação continuada (re)definindo a carga horária de estudo da pedagoga-pesquisadora e das aulas de música das crianças, consideravelmente diminuída. Atualmente (Ano III-2023), a clientela atendida pelo Projeto Barulhar envolve uma pedagoga-pesquisadora, 312 crianças divididas em vinte turmas, numa carga horária semanal de 40 minutos de aula de música por turma, e oito acadêmicos.

Diante do exposto, a relevância musical do Projeto Barulhar na escola pública dá visibilidade a estratégias de resistência ensaiadas no tempo e espaço coletivo de formação continuada em educação musical, experimentado tanto pelas pedagogas-pesquisadoras quanto pelas crianças e acadêmicos; vínculo afetivo que enreda, sustenta e esculpe a potência indivisível da música na educação infantil, ao compor um processo organizativo de coletividade que, com a música em rede do Projeto Barulhar, pode interpelar a lógica excludente colonizadora da instituição escolar e da gestão pública. Sublinhar a potência transformadora da música na escola pública é gesto poético docente de disponibilidade à escuta dos outros, o que exige enfrentar os silenciamentos impostos no cotidiano para ressoar nossas “cheganças”, esse substantivo feminino e plural, encarnado pela equipe do Projeto Barulhar que tem marcado nosso pertencimento e ação decolonial.



Cheganças

Até o presente momento, as “cheganças!⁸” do Projeto Barulhar na escola pública da infância têm embalado a potência da música em rede e suas tensões e enfrentamentos. Agamben (2018, p. 34) nos interroga, “como se tem uma potência? Não se pode ter uma potência, somente se pode habitá-la”. O isolamento forçado imposto pela pandemia no primeiro ano do Projeto Barulhar exigiu a suspensão da aceleração e da necessidade de produção desenfreada dentro e fora da instituição. Esse movimento possibilitou ao coletivo do grupo uma intensa experimentação de um tempo mais imprevisível e flexível de estar junto online, de modo que conjugamos a disponibilidade à escuta dos outros. Nesse espaço, inventamos, desde a pedagogia, uma diversidade de mapas de percurso com narrativas musicais para nos fazer presença na escola pública.

Das inúmeras produções do grupo, construídas no tempo investigativo para sublinhar o acesso e a garantia à formação continuada em educação musical para pedagogos e crianças da escola pública municipal, apresentamos nossa coleção “Pó di Questim” (Lino, et al., 2021): 59 podcasts disponibilizados na plataforma digital gratuita do SoundCloud à rede em distintos “orelhões⁹”, confeccionados artesanalmente pelas pedagogas-pesquisadoras com o auxílio do PIÁ. Destacamos “Lápis Giz de Cera¹⁰” e “Pandemia bate à porta”.

No primeiro “Pó di Questim” compartilhamos a canção “Lápis Giz de Cera”, improvisada por Leticia (de 5 anos e 2 meses), que gravamos no pátio da escola; feitura corporal que toma os espaços de compor-improvisar do cotidiano infantil como suporte reflexivo à formação continuada. No segundo “Pó di Questim

⁸ “Chegança”, para o dicionário Houaiss (2009, p.154) é “substantivo feminino. Ação de chegar. Folguedo popular das festas de Natal em que figuram danças e cenas marítimas entre cristãos e mouros. Dança lasciva do século XVIII”. Para a equipe do Projeto Barulhar, “chegança” é a música de Antônio Nóbrega, um caboclinho e sua provocante poética sonora e literária, crítica à colonização brasileira.

⁹ Os orelhões funcionam como um rádio com que o público tem acesso digital gratuito à escuta dos “Pó di Questims”, bastando acessar o endereço da plataforma. Confeccionado pelas pedagogas-pesquisadoras do Projeto Barulhar e suas amigas, organizamos na forma de libreto dois manuais para convidar a comunidade a confeccionar seus orelhões. Manual do Orelhão I e Manual do Orelhão II. Augusto Vargas (2020- 2021). Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/13l8e1k2-Kg3H3Josv_yu-_vbosGye81F

¹⁰ Pó di Questim: *Lápis Giz de Cera*. Produção: Grupo de Pesquisa Escuta Poética e PIÁ. Disponível em: https://soundcloud.com/podiquestim-ufrgs/lapis-giz-de-cera_

Pandemia bate à porta!¹¹”, Déia Alencar, acadêmica do PIÁ, brincou com as sonoridades da palavra “pandemia”; interlocução sonora que expressa os sentidos do viver em pandemia e as metáforas que imaginamos ao tocar a educação. Sob o texto composto por Déia Alencar, cada uma das colegas da escola gravou sua voz. O resultado foi editado pela pedagoga e divulgado no “*Pó di Questim*”.

Nesta travessia, também compartilhamos “Cafeteria Barulhar: a melhor *com* feitaria!” (Lino; Emcke, 2022), material virtual elaborado no tempo de “Conversações em Criação IV” da investigação como registro dos mapas de percurso traçados coletivamente; momento de trazer à memória os gestos poéticos emergentes no atendimento semanal das crianças no Ano II (2022) do projeto; documentação que interpela conceitos e reflexões teórico-metodológicas na formação continuada em educação musical da equipe. Afinal, como afirma a pedagoga-pesquisadora, “registrar é colocar uma vírgula no tempo” (Lino; Emcke, 2021).

Naquele momento (2022), a temática do semestre letivo do Projeto Barulhar tomou o corpo e a alfabetização como conceitos fundantes da ação pedagógica, com o objetivo de fortalecer a apropriação de repertórios indígenas e africanos. O material apresenta o recorte que a pedagoga-pesquisadora construiu de sua prática com a equipe. No título da narrativa, “Cafeteria Barulhar: a melhor **com** feitaria!”, emerge o aprofundamento da cosmologia Guarani e do sistema educativo mbyá-guarani apropriados pela pedagoga-pesquisadora, que se revela inseparável da vida comunitária, bem como da filosofia ameríndia de Kusch (1999).

A relevância indígena de *fazer com os outros* é expressa no registro da palavra “com feitaria”, esse tecido conjuntivo da coletividade da equipe, a partir da escuta e da parceria dos “brincantes com feiteiros”, nosso grupo de formação continuada em educação musical na rede municipal. É gesto encarnado de “encontros que aquecem” (Lino; Emcke, 2022) e potenciam práticas musicais na escola da infância. Abaixo, compartilhamos o livro digital¹² proposto pela pedagoga-pesquisadora: “Cafeteria Barulhar: a melhor com feitaria!” (Lino; Emcke, 2022).

¹¹ *Pó di Questim: Pandemia bate à porta*. Produção: Grupo de Pesquisa Escuta Poética e PIÁ. Disponível em: <https://soundcloud.com/podiquestim-ufrgs/pandemia?in=podiquestim-ufrgs/sets/historias>

¹² Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1WcbBUvGwe-rP5M6oQ3x8ejHU9XKxCZyy/view?usp=sharing>. Acesso em fev. 2024.





O Ano III do Projeto Barulhar (2023) foi marcado por sua descontinuidade e desarticulação dentro da rede municipal, com a redução da equipe. A pedido da secretaria de educação, ingressamos em nova escola de educação infantil. Sem ignorar os conflitos políticos imersos institucionalmente nem ficar enredados nele, atendemos ao percurso imposto pela secretaria, resolvendo o que nos cabia e transformando essas tensões em claves inaugurais de um novo processo educativo.

Compreendemos que as festividades comemorativas ao bicentenário da colonização alemã, empreendidas pela secretaria municipal de São Leopoldo, se afastaram dos propositos do projeto. Assim, “se de um lado a necropolítica se exacerba, de outro, ganhamos a consciência coletiva sobre a necessidade de repensarmos as vias de opressão que colonizam o pensamento” (Britto, 2023, p. 8). A equipe do Projeto Barulhar segue buscando comungar a diferença “num âmbito onde os conflitos, as tensões, os opostos possam alcançar uma unidade pluriforme que inaugura uma nova vida” (Kusch, 1999, p. 228).

Na atual sede, o Projeto Barulhar é abraçado pela escola e pela equipe diretiva, habita uma sala (grande, espaçosa), onde o corpo pode ser instrumento musical por excelência do exercício de escuta e criação, e tem na coordenação pedagógica e na comunidade escolar suporte e apoio incondicional do fazer musical. Observamos que nos horários de saída e de chegada à escola é comum encontrar as crianças de mãos dadas com os pais, levando-os para conhecer a “sala do barulhar” (Vicente, 5 anos) e sua professora. As crianças querem narrar o que acontece ali, com intensidade: “aqui eu toco o sopapo (...) ali eu danço e canto! (...) aqui, o tapete das histórias (...) Olha!!!!” (Luís, 6 anos).

Depois da pandemia, a comunicação pelo WhatsApp acabou sendo um elo importante de comunicação entre o Projeto Barulhar e as famílias. As crianças recém haviam assistido ao espetáculo cênico-musical “Jaebé tocar a liberdade”¹³, protagonizado pelo PIÁ. Glauca, mãe de Maya (4 anos), solicitou o link da música que a filha havia escutado no show do Teatro São Leopoldo que o projeto

¹³ “Jaebé tocar a liberdade” é um espetáculo cênico-musical artesanalmente construído e protagonizado pelo Programa de Extensão PIÁ, na Faced/UFRGS. Direção: Dulcimarta Lemos Lino. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uDF_X2r61Rs&t=3s



organizara. A pedagoga-pesquisadora encaminhou o link à Gláucia que, retornando, escreveu:

Oiiii Profe Paula! Que alegria receber tua mensagem com esse presente lindo! Assisti um pouco do show, que “baita¹⁴” trabalho! Vou ver junto com a Maya no final de semana. A Maya adora tuas aulas, sempre chega em casa cantando a música que ela aprende aí. Está sendo absolutamente maravilhoso essa troca, pois estou aprendendo contigo, através dela, músicas lindas, com sentido, com história. A primeira que aprendi foi a maçambique¹⁵ “o tambor tá batendo tá repinicando”, muito legal, não sabia da história do sopapo. Semana passada veio a “Tangará Mirim”, lindíssima também. Em ambas as músicas, escutei ela cantando (Maya adora música e tem ótima memória), prestei atenção, pesquisei na internet e encontramos as músicas para eu poder aprender um pouco mais sobre elas e podermos cantar elas juntas. Tá sendo super legal! Agradeço imensamente a ti, a esse projeto maravilhoso e à escola por trazer um material tão rico para nossas crias. Só espero que não termine... he, he. Grande abraço! (Lino; Emcke, 2023, p. 34).

As crianças do Projeto Barulhar participaram do espetáculo, um musical que, a partir da lenda indígena guarani, conta as narrativas afro-pindorâmicas da música brasileira. Nele, tocamos e dançamos a congada afro-gaúcha do maçambique. As crianças participaram ativamente e prontamente estão entendendo que para muito além da comemoração do bicentenário da imigração alemã em São Leopoldo, as águas do rio dos Sinos de sua cidade já tocaram os pés de kaingang, xoklengs e mbyás. Fortalecer e interpelar o repertório musical de adultos e crianças do Projeto Barulhar com música indígena e africana tem aproximado pedagogia e música da experiência intercultural que, em convivências colaborativas, se arrisca a escutar distintas comunidades que vivem bem pertinho de nós. Cabe observar que as crianças e suas famílias parecem muito disponíveis à escuta desse repertório, solicitando gravações, vídeos, performances.

Além disso, a autonomia na formação continuada em educação musical das pedagogas-pesquisadoras tem sido destaque no Projeto Barulhar. Mesmo de férias o WhatsApp não para. Seguimos nos conectando para anunciar experiências que se arrisquem a movimentar o pensamento. Uma das pedagogas-pesquisadoras do projeto, que no início da formação mantinha e produzia conteúdo musical para as crianças em seu canal do Youtube, dentro de um modelo disciplinar eurocêntrico-

¹⁴ As palavras “baita”, “super” e “crias” estão presentes no vocabulário dos gaúchos (RS) e significam, respectivamente, grande, muito e crianças.

¹⁵ Congada afro-gaúcha.



didatizado, nos convida a participar de um curso gratuito, virtual, promovido pelo Instituto Brincante, sobre gestos das danças brasileiras. Participamos juntas e depois ela comentou por mensagem no aplicativo: "(...) fez muito sentido tudo o que ele disse das manifestações culturais brasileiras, afinal já tinha a base do que o Barulhar nos ensinou (...), fico impressionada com o quanto me faltava conhecer as minhas raízes (...) e aqueles que não tem acesso à formação?!" (Lino; Emcke, 2023).

Compreender que o corpo em festa dança para escutar e que, "ouvir é pensar!" (Lima, 2022) tem sido o contraponto de nosso projeto, tanto na escola como na universidade. Reconhecer a relevância da formação continuada em educação musical para a docência, também. Ao silenciar a desconfiança educacional da potência de pedagogas-pesquisadoras, acadêmicos e crianças do Projeto Barulhar, afirma-se a pluralidade e complexidade da música como dimensão linguageira do corpo que inventa mundos em comunidade. Resistir ao esquecimento lúdico, alegre e prazeroso da integração entre sensível e inteligível encarnada na trilha que percorremos, com muitos erros e enfrentamentos, é essencial na caminhada. No coletivo, estamos carregados da intenção de expor e compartilhar narrativas musicais com a escola pública da infância para escutar interrogações longe dos imperativos de interesse e produção individuais e corporativos que tem outorgado à educação musical na educação infantil, em nosso território investigativo, um papel quase que exclusivo de descarga de emoções.

Entendemos que a parceria intra e interinstitucional, bem como a valorização de experiências pontuais com música na escola pública, produzidas em coletivo, podem se contrapor à invisibilização do trabalho docente e das conquistas das dimensões políticas, epistemológicas e éticas interpeladas em educação musical. Constatamos que na rotina escolar, os materiais e práticas educativas ainda priorizam políticas públicas pautadas nos interesses do capital e no modelo de capitalismo, criando ideologias e sociabilidades que encobrem as causas das injustiças sócio-musicais; opções que reproduzem as disparidades sociais, encobrem a equidade e consolidam consensos de alienação e conformação sócio-musical.

A formação continuada em educação musical de pedagogas-pesquisadoras, acadêmicos e crianças disponibilizada pelo Projeto Barulhar requer o tempo de



lentidão das sementes, a firmeza da resistência e a coragem da criação científico-cultural, o tempo alargado e imprevisível de compor, escutar e organizar um jeito de se expor. É uma cotidiana “Festa na Floresta”, essa composição da turma do Projeto Barulhar; escuta atenta da interrogação infantil dentro da escola: “profê vamô fazê uma música? (...) que tal escrever?” (Lino; Emcke, 2022).

No grupo, as crianças escrevem a letra da canção. A informalidade da oralidade sendo plotada na melodia dos personagens abraça o Curupira e a Katuí¹⁶. Inventam o refrão e se divertem com os gestos que encarnam para narrá-lo: “festa, festa na floresta tem o Curupira e a Katuí. Eu também vô í! Me espera aí!” (Lino; Emcke, 2022). Em coletivo, tecem a ideia musical da primeira estrofe. Nos encontros seguintes, continuam, por muitas vezes, testando hipóteses, tirando palavras, tentando rimas. Interrogam-se sobre o medo do Curupira. Será que as crianças têm medo dele? Afinal, ele tem os pés pra trás e o cabelo todo vermelho. “É feio! Mas protege a floresta né?! Que batida vai ter?” (Lino; Emcke, 2022). Acabam cantando um samba.

A pedagoga-pesquisadora encaminhou empolgada, por WhatsApp, a gravação para a equipe do projeto. Matheus do Piá gravou uma harmonia no violão. As crianças escutaram, cantaram junto. Acho que pode ser assim... Entoaram a música por mais algumas semanas. Pedimos para o Duda, percussionista do Piá, gravar uma percussão. A gravação foi encaminhada. Vibraram com o naipe introduzido! Realizamos oficina com os músicos do Piá. Testamos diversos jeitos de tocar e cantar esse samba, dançando sempre.

A infância não separa o discurso sonoro em facções. É tudo junto! O grupo de pesquisa e o Piá estudam o samba. Carimbamos a fôrma de um legítimo samba carioca? E o gaúcho? Como se toca? Procuramos nossas amigas sambistas de Porto Alegre. Participamos de rodas de samba. Aprendemos com elas. Praticamos mais e mais e mais. Definimos o arranjo. Conseguimos estúdio de gravação, convidamos a sambista do sul para tocar conosco, as crianças, nossos amigos. Gravamos profissionalmente nossa produção. Tocamos a música em rede para inventar mundos!; tecido constitutivo do ato de fazer gestão, girar processos,

¹⁶ Katuí é um personagem indígena que aparece em uma das narrativas compiladas em: VELHO, Carolina et al. Guia de Possibilidades Didáticas. *Deixa que eu conto* histórias, brincadeiras, curiosidades. História para crianças. UNICEF, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3PFxdQm>

interpelar escutas, promover formas de organizar, produzir criticidade, encontrar sincronia. Na caminhada, conhecemos a sambista e cantautora gaúcha Pâmela Amaro, o violonista gaúcho Max Garcia, o percussionista e produtor gaúcho Tuti Rodrigues. Trançamos rede em nossa C+ASA: a escola e a universidade pública!

Escute nosso fonograma “Festa na Floresta!”, através do QRcode abaixo (Figura 1), a música depois de muitas pitadas da equipe do Projeto Barulhar; potência inventiva do entrelaçamento de gestos que, nos termos de Nóbrega e Freire (2020), insistem em cirandar, “pois de mãos dadas a corrente não se parte, contra o ódio viva a arte, nossa voz não vão calar”¹⁷.



Figura 1 – QRcode do fonograma “Festa na Floresta”. Fonte: Álbum Música de Papel (Lino *et al.*, 2024).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Autoretrato em el estúdio*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2018.

ABREU, Thiago Xavier de. A institucionalização da educação musical no Brasil Império: três aspectos de uma transformação no semino de música. *Revista da ABEM*, v. 31, n. 1, e31104, 2023.

BRASIL. *Lei nº 11.769*, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. *Diário Oficial da União* Brasília, ano CXLV, n. 159, seção 1, p. 1, 19 ago. 2008.

BUENO, Iyá Sandrali. *Pelo direito de ser quem sou um ser coletivo*. Porto Alegre, RS:Zouk, 2022.

CHAUÍ, Marilena. *Em defesa da educação pública, gratuita e democrática*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

¹⁷ Conforme nota 1.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-/Universitária, 1987.

FERREIRA, Dessa. Manifesto Pindorama. *Música Afro-Indígena Contemporânea*. Projeto Natura Musical. Instagram @dessaferreira, fev. 2023.

KATER, Carlos. *NuSom Conversa com Carlos Kater*. Núcleo de Pesquisas em Sonologia, ECA-USP. Coord: Fernando Iazetta, 19 de abril de 2021. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/nusom/eventos_kater. Acesso em: 2 jul. 2021.

KATER, Carlos. Por que música na escola? In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana Miritello (Coords.) *A música na escola*. São Paulo: Alucci & Associados Comunicações, 2012. p. 42-45.

KUSCH, Rodolfo. *América Profunda*. Buenos Aires: Biblos, 1999.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, ANPED, n.19, mar/abr., 2002.

LIMA, Paulo Costa. Bate Papo sobre Composição com o compositor Paulo Costa Lima. *Programa de Extensão UFRJ*. PITOMBEIRA, Liduino; WAGNER, Yahn. Jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RK0xdWpd6j8> Acesso em jun. 2022.

LINO, Dulcimarta Lemos. *A educação musical na formação de professores dos cursos de Graduação em Pedagogia gaúchos* escuta e criação na experiência de barulhar. Pesquisa Concluída. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2020a. 182f.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Barulhar* a escuta sensível da música nas culturas da infância. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. 395f.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Música(s) na(s) Escola(s) conversações em criação*. Projeto de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Educação (FAGED), 2021.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Pílulas Sonoras* um manifesto de resistência à Educação Musical. Projeto de Pesquisa Educação Musical nos Cursos de Graduação em Pedagogia Gaúchos: processos de escuta e criação na experiência de barulhar. Porto Alegre: FAGED/ UFRGS, 2020b. Diagramação: Débora Mascarello. Tiragem 100 exemplares.

LINO, Dulcimarta Lemos; EMCKE, Paula Cristiana. Cafeteria Barulhar: a melhor com feitoria! *Projeto Barulhar* Cadernos de Bolso. Ano I. Produção



Pesquisa Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação. Porto Alegre: Faced/UFRGS, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1WcbBUvGwe-rP5M6oQ3x8ejHU9XKxCZyy/view?usp=sharing> Acesso em fev.2024.

LINO, Dulcimarta Lemos; EMCKE, Paula Cristiana. O que aprendemos se torna parte de quem somos. *Projeto Barulhar* Cadernos de Bolso. Projeto Piloto. Produção Pesquisa Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação. Porto Alegre: Faced/UFRGS, 2021. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1mPq_xv5hL56zgmDI3UX4ka8Pg0pczhgl/view?usp=sharing Acesso em fev. 2024.

LINO, Dulcimarta Lemos; EMCKE, Paula Cristiana. Tocar e ser tocado. *Projeto Barulhar* Cadernos de Bolso. Ano II. Produção Digital da Pesquisa Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação. Porto Alegre: Faced/UFRGS, 2023.

LINO, Dulcimarta Lemos; VARGAS, Augusto Alves; CUNHA, Eduardo dos Santos. *Pó di Questim!* Plataforma SoundCloud, 2020-2022. Disponível em: <https://soundcloud.com/podiquestim-ufrgs> Acesso em fev 2024.

NANCY, Jean-Luc. Política e/ou Política. *ALEA* Estudos Neolatinos. Rio de Janeiro, vol.17/1, jan-jun 2015 p.166-178. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/P7vfCb8tPjtFnmC4bC7DcXN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 20 mar. 2020.

NÓBREGA, Antônio. *Brincante em Casa* palestra com Antônio Nóbrega. Vídeo youtube, 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lz2ZqA9qvGl> Acesso em 2 jul. 2021

NÓBREGA, Antônio; FREIRE, Wilson. *Ninguém solta a mão, ninguém*. Vídeo, 2020. Disponível em: <https://antonionobrega.com.br> Acesso em fev. 2024.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Diversidades, música e formação musical: amalgamas da contemporaneidade. In MOURA, Eduardo Junior Santos; CALLADO, Maria Amélia Castilho Feitosa; DURÃES, Nelcira Aparecida (Org.). *10 anos de Seminário de Pesquisa em Artes*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2021, p. 158-202.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez., 2020.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta. Estar à escuta: música e docência na educação infantil. *Childhood & Philosophy*. Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-24, out. 2019.





SANTOS, Regina Márcia; ARISTIDES, M. A aprendizagem inventiva na educação musical: jogo, cartografia e trabalho colaborativo. In: NASCIMENTO, M. T; STERVINO, A (orgs). *Música e colaboração perspectivas para a Educação Musical*. Sobral: Sobral Gráfica e Editora, 2019. p. 127-154

SANTOS, Regina Márcia; KATER, Carlos. O projeto A Música da Gente: entrevista com Carlos Kater. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 26, n. 48, 2017. p. 151-166. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7581/4919>. Acesso em 3 jul. 2021.

SANTOS, Regina Márcia Simão. Aprendizagem como acontecimento: contribuições a propósito da educação musical como formação humana. *Boletim Fladem*, nov. 2019. Disponível em: <https://www.fladembrasil.com.br/boletim-11-de-2019>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SANTOS, Regina Márcia Simão. Música, a realidade nas escolas e políticas de formação. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 12, 49- 56, mar. 2005.

SANTOS, Regina Márcia. Sobre o “Se” e o “Então”: a pedagogia do contágio, do afeto, do encontro. *III Seminário Estudos Poéticos Webnário IV*. 25 de maio de 2021 (dezembro de 2020 à outubro 2021). Coord: Grupo de pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Zj765FNn18>. Acesso em 2 jun. 2021.

SÃO LEOPOLDO. Conselho Municipal de Educação. *Resolução n. 013, 12 de dezembro de 2012*. São Leopoldo, RS.

SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com os desconhecidos. In: FONTOURA; Helena Amaral. *Políticas Públicas, Movimentos Sociais* desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. p.27-37.

SKLIAR, Carlos. *De haberlo escrito antes* fragmentos dispersos, reunidos. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2022.





Dulcimarta lemos Lino é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutora em Educação, mestre em Educação e Licenciada em Educação Artística: habilitação em Música. É também professora de Educação Musical no Curso de Pedagogia na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É líder do grupo de pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS), pesquisadora do grupo Estudos Poéticos: Educação e Linguagem (UNISC) e diretora musical do PiÁ, Programa de Extensão (FACED/UFRGS). Tem experiência destacada na formação de professores em educação musical na infância e é pianista e diretora musical.

<http://lattes.cnpq.br/3836428588>

Sandra Regina Simones Richter é professora da Universidade de Santa Cruz do Sul, doutora em Educação, professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Ciências, Humanidades e Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). É coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC, líder do grupo de pesquisa Estudos Poéticos: Educação e Linguagem (UNISC) e pesquisadora do Grupo Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade (UFRGS/UNISC).

<https://lattes.cnpq.br/8984188058707610>

Paula Cristiana Emcke é contadora de histórias e professora da rede pública municipal atuando com a Educação Infantil e Anos Finais do Ensino Fundamental. É bacharel e licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), especializada em Educação Infantil e Séries Iniciais com ênfase em Ludopedagogia e Literatura Infantil. É também pesquisadora da música na infância no Escuta Poética (FACED/ UFRGS), integrante da pesquisa Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação (Lino, 2020) e colaboradora no Ponto de Cultura Biguá (Guaíba/RS). Atua na formação de professores na área de literatura, culturas ancestrais e música brasileira.

<http://lattes.cnpq.br/2217759436442572>

